



Primor pisciano

O comedor de Salamanca, de Jorge Fernandes da Silveira

Rhea Sílvia Willmer*

“Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade”.

Fernando Pessoa, *Mensagem*

Jorge Fernandes da Silveira é professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro e reconhecidamente um dos grandes leitores de poesia contemporânea. Seu livro mais recente, *O comedor de Salamanca* (2012), traz o subtítulo “Memória breve”, mas, ao contrário do que o subtítulo sugere, não é simplesmente um livro de memórias.

Temos em mãos um volume no qual encontraremos desde poemas até notícias de jornal, passando por textos em prosa, dicas de filmes e anotações. Esses textos estão entrecortados por memórias, relatos de viagem e retratos da crise econômica europeia. O título do livro é tirado de um desses episódios a respeito da crise: o “comedor de Salamanca” é o restaurante universitário, outrora

* Doutora em Literaturas Portuguesa e Africanas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

farto e agora racionado e inflacionado. Ao corte de gastos soma-se a notícia de que não haverá mais professor visitante na Universidade de Salamanca, ou seja, aquele será o último curso que o professor Jorge Fernandes da Silveira ministrará em terras espanholas. O retrato da crise econômica experimentada em sua estada salmantina culmina num dos momentos mais comoventes de sua narrativa: o encontro com uma senhora pedinte que é sua mãe, ou que poderia ser também a mãe de seu pai.

A memória, no entanto, não é unívoca nem descontínua, mas analógica e plural, e Jorge Fernandes da Silveira ultrapassa a definição de gênero (explorando essa característica da literatura produzida nos últimos anos) através da escrita ou compilação de textos em diversos idiomas, extrapolando, inclusive, a definição de autoria. Ao utilizar-se de longuíssimas anotações ou citações em inglês e espanhol – embora haja a predominância da língua portuguesa –, faz com que o leitor tenha a sensação de estranhamento com a obra. A língua em que um livro é escrito é um dos únicos fatores de unidade da obra literária que persiste, em vista da grande ocorrência de indefinição de gênero textual na literatura contemporânea. Além disso, nos acostumamos a identificar o autor com a língua em que ele escreve. Pois bem: Jorge Fernandes da Silveira se arrisca a ultrapassar essa última barreira, a da língua.

Deparamo-nos, portanto, com um livro que não possui uma estrutura unitária tradicional, ou seja, *O comedor de Salamanca* não é um livro com início, meio e fim. As anotações, memórias, observações e histórias vão se sucedendo por contiguidade, não por causalidade. Como se uma coisa levasse a outra através de temas que se avizinham, Jorge Fernandes da Silveira é quase que o organizador do volume, pois assume a função de um colecionador, no que talvez

seja um dos papéis também do memorialista, recolhendo trechos de periódicos, músicas ou textos em outras línguas. E essa função acaba por contribuir para a constituição literária da obra: ao trazer textos de outros autores (literários ou não) e equipará-los ao do autor que se constitui como Jorge Fernandes da Silveira, nivela todos os textos, de modo que a organização se constitua numa forma de autoria. O que supostamente seria externo ao autor é ressignificado por ele através de suas “colagens”, entretecidas por comentários espirituosos, brincadeiras e jogos de palavras que quebram a expectativa do leitor. Aliás, uma amostra dessa quebra de expectativa e da ironia do autor está registrada na própria quarta capa do livro, numa paródia a uma famosa cantiga de amigo de autoria de Martin Codax: “– Ondas do Mar de Vigo, cadê meu Amigo? / – Ué, sei lá!”

A peculiaridade de *O comedor de Salamanca*, portanto, consiste no fato de ser um livro que não apresenta um projeto fixo, mas uma estrutura movente, mutável, como é mutável o signo de Peixes, com o qual Jorge Fernandes da Silveira se identifica e ao qual se refere a respeito do que não está nessas suas curtas memórias: “o resto são experiências da vivência de um pisciano entre águas em viagem”. Não por acaso, Peixes, signo solar do autor (nascido num 16 de março), rege a poesia – e a dança –, sendo considerado o mais intuitivo, distante, abstrato, elevado, amoroso, compreensivo, humilde, sensível e devoto signo do zodíaco. Peixes, o décimo segundo signo, é o que possui a difícil missão de carregar a essência de Deus em um corpo material, tendo a capacidade de transcender ao nos levar além do mundo concreto, real, sólido, material.